

uso da palavra «consciente». Não temos direito algum de alargar o sentido desta palavra a ponto de designar por ela um consciente do qual o seu possuidor nada sabe. Se certos filósofos acham difficil de admitir a existência dum pensamento inconsciente, eu acho mais difficil ainda encarar a existência dum consciente inconsciente. Casos considerados como desagregação do consciente, o caso do Dr. Azam, por exemplo, poderiam antes ser encarados como migrações do consciente nas quais esta função — ou qualquer nome que à coisa se dê — oscile entre dois complexos psíquicos diferentes que são alternativamente conscientes e inconscientes:

Passemos à segunda objecção eventual: poderiam acusar-nos de fazermos applicação à psicologia de seres normais, de conclusões tiradas sobretudo do estudo dos estados patológicos. Esta objecção será refutada por um facto que a psicanálise nos fez conhecer. Algumas das perturbações funcionais mais freqüentes nos indivíduos são, por exemplo os *lapsus linguae*, os erros de memória ou de linguagem, o esquecimento dos nomes, etc., podem facilmente ser comparados à acção de pensamentos inconscientes fortes, exactamente como nos sintomas nevróticos.

Distinguindo os pensamentos pré-conscientes dos pensamentos inconscientes, somos incitados a abandonar o terreno da classificação e a formar uma opinião sobre o que respeita às relações funcionais e dinâmicas na actividade da psique. Encontrámos um *pré-consciente activo* que passa sem difficuldade ao consciente, e um *inconsciente activo* que parece banido do consciente.

Ignoramos se estas duas espécies de actividades psíquicas são idênticas no seu início, ou se elas são, pela sua própria essência, opostas; mas podemo-nos perguntar porque razão se teriam tornado diferentes no decurso dos processos psíquicos. A psicanálise responde nitidamente e sem hesitar a esta questão. Não é absolutamente nada impossível às criações do inconsciente activo penetrar na consciência, mas este trabalho não se faz sem uma certa despesa energética. Se fizermos a experiência em nós mesmos, temos a impressão nítida duma certa defeza, e se provocamos a sua manifestação num paciente, perceberemos nêlé indícios certos do que

chamamos *resistência*. Sabemos assim que o pensamento inconsciente é excluído da consciência pelo jôgo de forças vivas que se opõem ao seu acesso, enquanto que não barram o caminho a outros pensamentos: os pensamentos pré-conscientes. A psicanálise não permite pôr em dúvida o facto de que a rejeição dos pensamentos inconscientes não é provocada senão pelas tendências incorporadas nestes últimos. A teoria seguinte, é a mais próxima e a mais plausível que nós podemos admitir no estado actual dos nossos conhecimentos; o inconsciente é uma fase normal e inevitável nos processos que fundamentam a nossa actividade psíquica; todo o acto psíquico começa por ser inconsciente e pode, conforme esbarra ou não com resistências, ficar ali ou continuar a sua evolução para a consciência. A distinção entre as actividades pré-conscientes e inconscientes não é primária, só se estabelece uma vez que a «defeza» entra em jôgo. Só então é que a diferença entre os pensamentos pré-conscientes, que aparecem na consciência a cada instante e aí podem voltar, e os pensamentos inconscientes, aos quais a consciência fica interdita, adquire um valor tanto teórico como prático. O domínio da fotografia ordinária apresenta com esta relação suposta entre a actividade consciente e a actividade inconsciente, uma analogia grosseira mas bastante satisfatória. O primeiro estádio da fotografia é o negativo; toda a imagem fotográfica deve sofrer o «processo do negativo»; e os negativos que ficarem bons podem ser admitidos ao «processo positivo» que leva à imagem.

Todavia, a distinção feita entre as actividades pré-conscientes e inconscientes, o reconhecimento dos limites que as separam, não é o último nem o mais importante dos resultados fornecidos pela investigação psicanalítica da vida psíquica. Há um producto psíquico, observável nos seres mais normais, que no entanto apresenta a mais evidente analogia com as manifestações mais desordenadas do próprio delírio, e que aos filósofos parece tão incompreensível como estes: quero falar dos sonhos. A psicanálise funda-se sobre a análise dos sonhos; a sua interpretação é o que a nossa jovem ciência realizou de mais perfeito até hoje. Eis de que modo se pode descrever a elaboração típica dum sonho: consideremos um encadeamento de pensamentos que,